

DERROTA

Por Michael Brenner*



Militar ucraniano fazendo saudação no Reino Unido, fevereiro de 2023 (Ministério da Defesa britânico via Wikimedia Commons).

Nos EUA, a memória coletiva mais forte de suas guerras é a conveniência – e a facilidade – de esquecê-las.

Os Estados Unidos estão sendo derrotados na Ucrânia. Poderíamos dizer que estão enfrentando a derrota – ou, mais claramente, que estão encarando a derrota de frente. Nenhuma dessas formulações é apropriada, no entanto. Os EUA não olham a realidade diretamente nos olhos. Preferimos olhar o mundo através das lentes distorcidas de nossas fantasias. Mergulhamos em qualquer caminho que escolhermos, enquanto desviamos os olhos da topografia que tentamos atravessar. Nossa única luz guia é o brilho de uma miragem distante. Esse é o nosso ímã.

Não é que a América não conheça derrota. Conhecemo-lo muito bem: Vietnã, Afeganistão, Iraque, Síria – em termos estratégicos, se não sempre em termos militares. A esta ampla categoria poderíamos acrescentar Venezuela, Cuba e Níger. Essa rica experiência de ambição frustrada não conseguiu nos libertar do hábito profundamente enraizado de fugir da derrota. Na verdade, adquirimos um grande inventário de métodos para fazer isso.

DEFININDO E DETERMINANDO DERROTA

Antes de examinar esses métodos, vamos especificar o que queremos dizer com “derrota”. Simplificando, a derrota é falhar no cumprimento de objetivos – a um

custo tolerável. O termo também abrange consequências adversas e não intencionais de segunda ordem.

- Quais eram os objetivos de Washington ao sabotar o plano de paz de Minsk e rejeitar as subsequentes propostas russas, ao provocar a Rússia cruzando linhas vermelhas claramente demarcadas, ao pressionar pela adesão da Ucrânia à OTAN; na instalação de baterias de mísseis na Polônia e na Romênia; na transformação do exército ucraniano em uma poderosa força militar posicionada na linha de contato no Donbass, pronta para invadir ou incitar Moscou a tomar uma ação preventiva? O objetivo era atribuir uma derrota humilhante ao exército russo ou, pelo menos, infligir custos tão pesados que enfraquecessem o governo Putin. A dimensão crucial e complementar dessa estratégia foi a imposição de sanções econômicas tão onerosas que implodiriam uma economia russa vulnerável. Juntos, gerariam uma angústia aguda que levaria à deposição de Putin – seja por uma conspiração de opositores (oligarcas descontentes como ponta de lança) ou por protestos em massa. Baseava-se na suposição fatalmente mal informada de que ele era um ditador absoluto comandando um monólogo. Os EUA previram sua substituição por um governo mais flexível, pronto para se tornar uma presença voluntária, mas marginal, no cenário europeu e um não-jogador em outros lugares. Nas palavras grosseiras de um funcionário de Moscou, “um arrendatário da plantação global do Tio Sam”.
- O amansamento e domesticação da Rússia foram concebidos como um passo vital no grande confronto iminente com a China – designada a rival sistêmica da hegemonia americana. Teoricamente, esse objetivo poderia ser alcançado quer atraindo Moscou para longe da China (dividir e subordinar), quer neutralizando totalmente a Rússia como potência mundial, derrubando sua liderança forte. A primeira abordagem nunca foi além de alguns gestos inconstantes e débeis. Todas as fichas foram colocadas na segunda.
- Os benefícios acessórios para os Estados Unidos de uma guerra na Ucrânia que derrubaria a Rússia foram: a) consolidar a Aliança Atlântica sob o controle de Washington, expandir a OTAN e abrir um abismo intransponível entre a Rússia e o resto da Europa que perduraria no futuro previsível; b) para essa finalidade, acabar com a forte dependência desta última dos recursos energéticos da Rússia; e c) substituir assim seu GNL e petróleo pelos preços mais elevados dos Estados Unidos que selariam o *status* dos parceiros europeus como vassalos econômicos dependentes. Se isto for um obstáculo para a sua indústria, que assim seja.

Os objetivos grandiosos declarados nos itens 1 e 2 se revelaram manifestamente inalcançáveis – na verdade, fantasiosos – uma verdade contundente ainda não absorvida pelas elites americanas. O item 3 é um prêmio de consolação de valor reduzido. Este resultado foi determinado em boa parte, embora não inteiramente, pelo fracasso militar na Ucrânia. Agora estamos prestes a entrar no ato final. A alardeada contraofensiva de Kiev não levou a lugar algum – com um custo enorme para os militares ucranianos. Sangraram com perdas maciças de mão-de-obra, destruição da maior parte da seus blindados e ruína de infraestruturas vitais. As brigadas de elite treinadas pelo Ocidente foram batidas e não há mais reservas

para lançar em batalha. Além disso, o fluxo de armas e munições provenientes do Ocidente diminuiu à medida que os estoques americanos e europeus estão se esgotando (por exemplo, munições de artilharia de 155 mm). A escassez está sendo agravada pelas inibições recém-descobertas sobre o envio de armas avançadas à Ucrânia, que se revelaram altamente vulneráveis ao poder de fogo russo. Isso vale especialmente para blindados: Leopards alemães, Challengers britânicos, tanques franceses AMX-10-RC, bem como veículos de combate, como os americanos Bradleys e Strykers. Imagens impactantes de cascos queimados espalhados pelas estepes ucranianas não são boa propaganda para a tecnologia militar ocidental ou para as exportações. Daí, também, a lentidão nas entregas a Kiev dos prometidos Abrams e F-16, para que não sofram o mesmo destino.

A ilusão de um eventual sucesso no campo de batalha (com o previsto desgaste da vontade e da capacidade da Rússia) baseia-se em uma ideia errada de como medir vitórias e derrotas. Os líderes americanos, tanto militares como civis, estão presos a um modelo que enfatiza o controle do território. O pensamento militar russo é diferente. Sua ênfase está na destruição das forças inimigas, através de qualquer estratégia que seja adequada às condições prevalecentes. Então, no comando do campo de batalha, eles poderão exercer sua vontade. As táticas agressivas dos ucranianos implicam o lançamento dos seus recursos em combate em campanhas incansáveis para expulsar os russos do Donbass e da Crimeia. Incapazes de conseguir qualquer avanço, eles entraram em uma guerra de desgaste que os desfavoreceu. Culminou com a última aventura deste verão, que se revelou suicida. Assim, fizeram o jogo dos russos. Portanto, embora a atenção se concentre em quem ocupa esta ou aquela aldeia na frente de Zaporizhyya ou em torno de Bakhmut, a verdadeira história é que a Rússia tem desmantelado o exército ucraniano reconstituído, peça por peça.

Em perspectiva histórica, existem duas instrutivas analogias. No último ano da Primeira Guerra Mundial, o alto comando alemão lançou uma campanha audaciosa (Operação Michael) na Frente Ocidental em março de 1918, usando uma série de táticas inovadoras (com esquadrões de comando e tropas de choque equipadas com lança-chamas) para abrir fendas nas linhas aliadas. Após ganhos iniciais que os levaram a atravessar o Marne, acompanhados por pesadas baixas, a ofensiva se desvaneceu e permitiu aos aliados passarem por cima das suas forças gravemente esgotadas – levando ao colapso final em novembro. Ainda mais pertinente é a batalha de Kursk, em julho de 1943, na qual os nazistas fizeram uma tentativa maciça de recuperar a iniciativa após o desastre de Stalingrado. Mais uma vez, depois de algum sucesso notável na violação de duas linhas de defesa soviéticas, esgotaram-se aquém do seu objetivo. Essa batalha abriu o longo e sangrento caminho para Berlim. A Ucrânia, hoje, sofreu enormes perdas de magnitude ainda maior (proporcionalmente), sem obter quaisquer ganhos territoriais significativos, incapaz sequer de alcançar a primeira camada da Linha Surovikin. Isso abrirá o caminho para o Dnieper e além para o exército russo de 600 mil homens, equipado com armamento igual ao que demos à Ucrânia. Assim, Moscou está preparada para explorar sua vantagem decisiva a ponto de poder ditar os termos a Kiev, Washington, Bruxelas e outros.

A administração Biden não fez planos para tal eventualidade, nem seus obedientes governos europeus. O divórcio da realidade tornará este estado de coisas ainda

mais impressionante – e irritante. Desprovidos de ideias, eles vão tropeçar. Como reagirão é incognoscível. Podemos dizer com certeza uma coisa: o Ocidente coletivo, e especialmente os EUA, terão sofrido uma grave derrota. Lidar com essa verdade se tornará a principal ordem do dia.

Aqui estão algumas opções para lidar com isso.

1. Redefinir o que significa derrota/vitória, fracasso/sucesso, perda/ganho. Há uma nova narrativa escrita para enfatizar estes pontos de discussão.

- Foi a Rússia que perdeu a disputa porque a heroica Ucrânia e um firme Ocidente impediram-na de conquistar, ocupar e reincorporar todo o país;
- Em contraste, a Suécia e a Finlândia juntaram-se formalmente ao campo americano ao aderirem à OTAN. Isto complica os planos estratégicos de Moscou, ao forçar uma dispersão das suas forças numa frente mais ampla;
- A Rússia tem sido politicamente isolada na cena mundial (Nota do autor: isso porque a América do Norte, UE/OTAN/Europa, Japão, Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia apoiaram a causa ucraniana. Nenhum outro país concordou em aplicar sanções econômicas; o “mundo” não inclui China, Índia, Brasil, Argentina, Turquia, Irã, Egito, México, Arábia Saudita, África do Sul *et al*);
- As democracias ocidentais demonstraram solidariedade sem precedentes ao responderem unidas à ameaça russa.

Essa narrativa já foi veiculada em discursos de Blinken, Sullivan, Austin e Nuland. Seu público-alvo é o público americano; Porém, ninguém fora do Ocidente Coletivo acredita nisso – quer Washington tenha ou não registrado esse fato da vida diplomática.

2. Reduzir retroativamente os objetivos e riscos.

- Não fazer mais nenhuma referência à mudança de regime em Moscou, à derrubada de Putin, ao colapso da economia russa, à ruptura da parceria sino-russa ou ao seu enfraquecimento fatal;
- Falar em salvaguardar a integridade do Estado ucraniano, negando que o Donbass e a Crimeia tenham sido permanentemente separados da “pátria mãe”. Enfatizar que seus amigos em Kiev ainda são os líderes titulares e legítimos da Ucrânia;
- Visar um cessar-fogo permanente que congele os dois lados nas posições existentes, ou seja, uma divisão *de facto* à la Coreia. A porção ocidental seria então admitida na OTAN e na UE, e rearmada. Ignorar a verdade inconveniente de que a Rússia nunca aceitaria um cessar-fogo nesses termos;
- Manter as sanções econômicas à Rússia, mas olhar para o outro lado quando parceiros europeus necessitados fazem acordos ocultos de petróleo e GNL russos (principalmente através de intermediários como Índia, Turquia e Cazaquistão), como têm feito durante todo o conflito;

- Colocar a atenção na China como ameaça mortal para a América e o Ocidente, e ao mesmo tempo menosprezar a Rússia como sendo apenas sua auxiliar;
- Destacar gestos simbólicos como os ataques de mísseis de cruzeiro supersônicos e hipersônicos de última geração transferidos pelos EUA, Grã-Bretanha e França que podem infligir danos a alvos proeminentes na Crimeia e na própria Rússia – com apoio técnico crucial de pessoal dos EUA e de outros países da OTAN (Nota do autor: esse ato lembra os torcedores raivosos de um time de futebol que perde para um rival odiado e fura os pneus do ônibus que vai levar os adversários ao aeroporto);
- Fazer todos os esforços para impedir que Anna Netrebko – que é cidadã austríaca – cante nas grandes capitais. Ameaçar com sanções pesadas as salas de concerto que romperem este boicote – por exemplo, a Staatsoper de Berlim (proibir o diretor geral, *Herr Matthias Schulz*, e seus descendentes até a quarta geração de visitar a Disneylândia?).

3. Cultivar AMNÉSIA

Os americanos tornaram-se mestres na arte do gerenciamento da memória.

Pense no trágico choque do Vietnã. O país fez um esforço sistemático para esquecer – esquecer tudo sobre o Vietnã. Compreensível; era feio – em todos os aspectos. Os livros didáticos de história americana lhe deram pouco espaço; os professores o minimizaram; a televisão logo o desconsiderou como algo *retrô*. Procuramos encerramento – conseguimos.

De certa forma, a herança mais notável da experiência pós-Vietnã é o aperfeiçoamento dos métodos para “photoshopar” a história. O Vietnã foi um aquecimento para lidar com os muitos episódios desagradáveis da era pós-11 de setembro. Essa limpeza completa e abrangente tornou palatável mentira presidencial, engano sustentado, incompetência entorpecente, tortura sistêmica, censura, destruição da Declaração de Direitos e perversão do discurso público nacional – à medida em que degenerou em uma mistura de propaganda e vulgaridade. A “Guerra ao Terror” em todos os seus aspectos atrozes.

A amnésia cultivada é uma arte enormemente facilitada por duas tendências mais amplas na cultura americana: o culto da ignorância, segundo o qual uma mente livre de conhecimento é considerada a liberdade máxima; e uma ética pública pela qual os mais altos funcionários da nação recebem licença para tratar a verdade como um oleiro trata o barro, desde que digam e façam coisas que nos façam sentir bem. Assim, nossa memória coletiva mais forte das guerras escolhidas pela América é a conveniência – e a facilidade – de esquecê-las. “O show deve continuar” é tomado como nosso imperativo. Assim será quando olharmos para uma Ucrânia em ruínas pelo espelho retrovisor.

O cultivo da amnésia como método para lidar com experiências nacionais dolorosas tem sérios inconvenientes. Primeiro, restringe severamente a oportunidade de aprender as lições que oferece. Na sequência da inconclusiva Guerra da Coreia, onde os Estados Unidos sofreram 49.000 mortos em combate, o mantra em Washington era: nunca mais uma guerra no continente asiático. No

entanto, menos de uma década depois, estávamos mergulhados até aos joelhos nos arrozais do Vietnã, onde perdemos 59 mil pessoas. Após o trágico fiasco no Iraque, Washington estava, no entanto, entusiasmado com a ocupação do Afeganistão em um empreendimento de 20 anos para construir uma democracia de tendência ocidental a partir do cano de uma arma. Esses projetos frustrados não nos dissuadiram de intervir na Síria, onde falhamos mais uma vez em transformar uma sociedade intratável e estranha em algo do nosso agrado – apesar de termos chegado ao extremo de uma parceria tácita com a subsidiária local da Al-Qaeda. Como Cabul mostrou, do desfecho em Saigon não aprendemos sequer uma lição sobre como organizar uma evacuação ordenada.

No mínimo, seria de esperar que uma pessoa razoável tivesse uma consciência aguda de quão crucial é a compreensão minuciosa da cultura, organização social, costumes e perspectiva filosófica do país que estávamos empenhados em reconstituir. Ainda assim, manifestamente não assimilamos essa verdade elementar. Testemunhem nossa ignorância abismal em relação a tudo o que é russo que nos levou a um cálculo fatalmente equivocado de todos os aspectos do conflito na Ucrânia.

PRÓXIMA: CHINA

A Ucrânia, por sua vez, não está arrefecendo o ardor pelo confronto com a China. Um empreendimento audacioso, e de forma alguma convincente, considerado peça central da nossa estratégia oficial de segurança nacional. Altos responsáveis de Washington preveem abertamente a inevitabilidade de uma guerra total antes do final da década – apesar das armas nucleares. Além disso, Taiwan desempenha o mesmo papel que a Ucrânia no esquema americano. Assim, tendo provocado um conflito multidimensional com a Rússia que falhou em todos os aspectos, nos comprometemos apressadamente com quase que exatamente a mesma estratégia ao enfrentar um inimigo ainda mais formidável. Isto poderia ser classificado como o que os franceses chamam de *fuite en avant* – uma fuga para frente. Em outras palavras: vamos lá! Estamos preparados para isso.

A marcha para a guerra com a China desafia toda a sabedoria convencional. Afinal de contas, não representa qualquer ameaça militar à nossa segurança ou aos nossos interesses fundamentais. A China não tem história de construção ou conquista de impérios. A China tem sido fonte de grandes benefícios econômicos através de densos intercâmbios que nos servem tão bem quanto a eles. Portanto, qual é a justificativa para o julgamento generalizado de que cruzar espadas é inevitável? As nações sensatas não se comprometem com uma guerra possivelmente cataclísmica porque a China, o inimigo número um designado, constrói estações de alerta de radar em atóis arenosos no Mar da China Meridional. Porque comercializa veículos elétricos mais baratos do que nós. Porque seus avanços no desenvolvimento de semicondutores podem superar os nossos. Por causa do tratamento dispensado a uma minoria étnica no oeste da China. Porque segue nosso exemplo financiando ONGs que promovem uma visão positiva do seu país. Porque se envolve em espionagem industrial tal como os Estados Unidos e todos os outros países. Porque lança balões sobre a América do Norte (declarados benignos pelo general Milley dias atrás).

Nenhuma destas razões é convincente para pressionar fortemente por um confronto. A verdade é muito mais simples – e muito mais inquietante. Estamos obcecados pela China porque ela existe. Tal como o K-2, em si é um desafio, pois devemos provar nossa coragem (aos outros, mas principalmente a nós mesmos), para que possamos superá-la. Esse é o verdadeiro significado de uma ameaça existencial percebida.

A mudança de foco da Rússia, na Europa, para a China, na Ásia, é menos um mecanismo para lidar com a derrota do que a reação patológica de um país que, sentindo uma sensação corrosiva de decréscimo de valor, não consegue fazer nada mais do que fazer uma última tentativa de provar a si mesmo que é capaz e que ainda tem o material certo – já que viver sem esse sentido exaltado de si mesmo é intolerável. O que hoje em dia é considerado heterodoxo e ousado em Washington é argumentar que deveríamos encerrar o caso da Ucrânia de uma forma ou de outra, para que possamos preparar nossos lombos para a disputa verdadeiramente histórica com Pequim. A verdade desconcertante de que ninguém importante no *establishment* da política externa do país denunciou esta viragem perigosa para a guerra apoia a proposição de que emoções profundas, em vez de pensamento racional, estão nos impelindo para um conflito evitável e potencialmente catastrófico.

Uma sociedade representada por toda uma classe política que não se deixa serenar por essa perspectiva pode ser considerada, corretamente, como proporcionando evidências *prima facie* de estar coletivamente desequilibrada.

Em segundo lugar, a amnésia pode servir ao propósito de poupar nossas elites políticas, e a população americana em geral, do desconforto agudo de reconhecer erros e derrotas. No entanto, esse sucesso não é acompanhado por um processo análogo de apagamento de memória em outros lugares. Tivemos a sorte, no caso do Vietnã, de a posição dominante dos Estados Unidos no mundo fora do Bloco Soviético e da RPC nos ter permitido manter o respeito, o *status* e a influência. As coisas agora mudaram, no entanto. Nosso poder relativo em todos os domínios é mais fraco, existem poderosas forças centrífugas em todo o mundo que estão produzindo uma dispersão de poder, vontade e perspectivas entre outros estados. O fenômeno BRICS é a materialização concreta dessa realidade. Assim, as prerrogativas dos Estados Unidos estão diminuindo, nossa capacidade de moldar o sistema global em conformidade com nossas ideias e interesses está sob crescente desafio e estão sendo atribuídos prêmios à diplomacia de uma ordem que parece estar além das nossas atuais aptidões.

Estamos confusos.

Publicado no [Scheerpost](#).

***Michael Brenner** é professor emérito de Assuntos Internacionais da Universidade de Pittsburgh e membro do Centro de Relações Transatlânticas da SAIS/Johns Hopkins. Foi diretor do Programa de Relações Internacionais e Estudos Globais da Universidade do Texas. Já publicou mais de 80 artigos e ensaios, além de vários livros, incluindo “Nuclear Power and Non-Proliferation”, “The Politics of International Monetary Reform” e “Reconcilable Differences, US-French Relations In The New Era”.
